



EDU CA ÇÃO

Formação Diferenciada
Educação Infantil
Junho/2025

Programa Manuel Bandeira de
Formação de Leitores
Formadora: Fabiana Barboza

Preditor de MONITORAMENTO

Ementa: [3] Critérios técnicos de avaliação - Gêneros

Conteúdo: Acervos para a primeira infância.

Tema: Seleção de Acervo e Evidências de Assegurar o Direito de Acesso à Leitura, Literatura e ao Livro



Acolhimento



Livro "Abrindo caminho"

Obra de Ana Maria Machado e Elisabeth Teixeira



Conexão com infância

Diálogos a partir dos livros e com livros



Introdução ao tema

Reflexão sobre os gêneros



Critérios de Seleção

O que é um bom livro para as infâncias?

Um pássaro de ar

Maria Emilia López



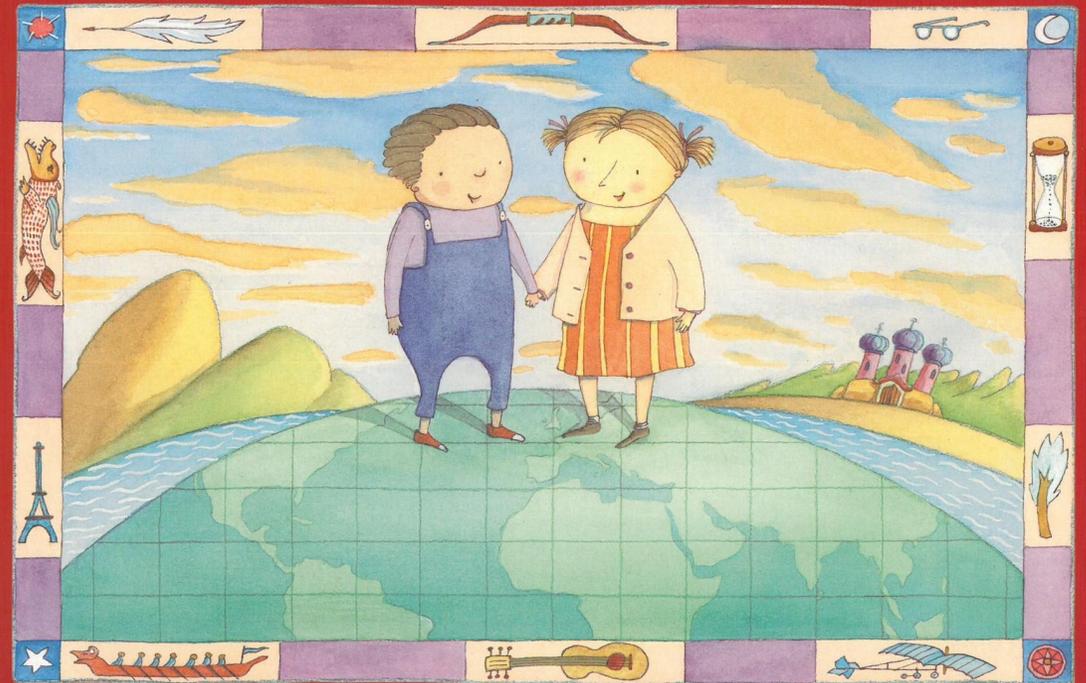
A formação dos mediadores de leitura
para a primeira infância

Secretaria de
Educação



Ana Maria Machado

ABRINDO CAMINHO



Ilustrações de Elisabeth Teixeira





Em memória de Antonio Carlos Jobim.

Ana Maria Machado

*Em memória de
Maurício Klabin,
abridor de caminhos.
Sempre e cada vez mais.*



Diretor editorial adjunto
Fernando Paixão

Editora adjunta
Claudia Morales

Editora assistente
Maria Elza M. Teixeira

Revisão
Ivany Picasso Batista (coord.)

Editora de arte
Suzana Laub

Editor de arte assistente
Antonio Paulos

Projeto gráfico
Elisabeth Teixeira

Editoração eletrônica
Moacir K. Matsusaki
Eduardo Rodrigues

Cesar Wolf
Susana Leal

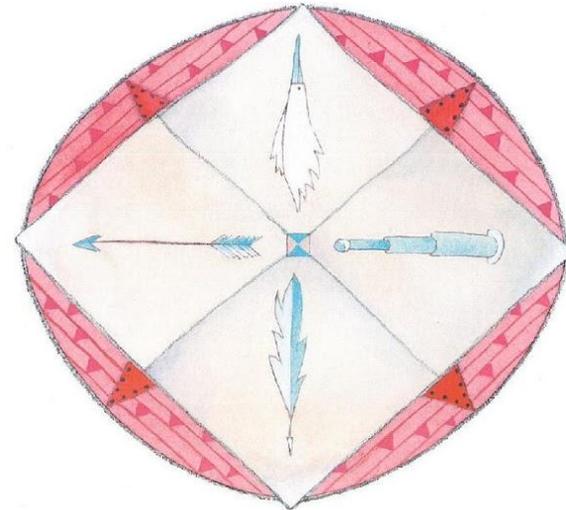
2006

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2003
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - São Paulo, SP - CEP 02909-900
Tel.: (11) 3990-2100 - Fax: (11) 3990-1784
internet: www.atica.com.br - www.aticaeducacional.com.br

ISBN 85 08 08672 5

EDITORA ÁTICA
Corporação Cultural e Educacional S.A.

ABRINDO CAMINHO

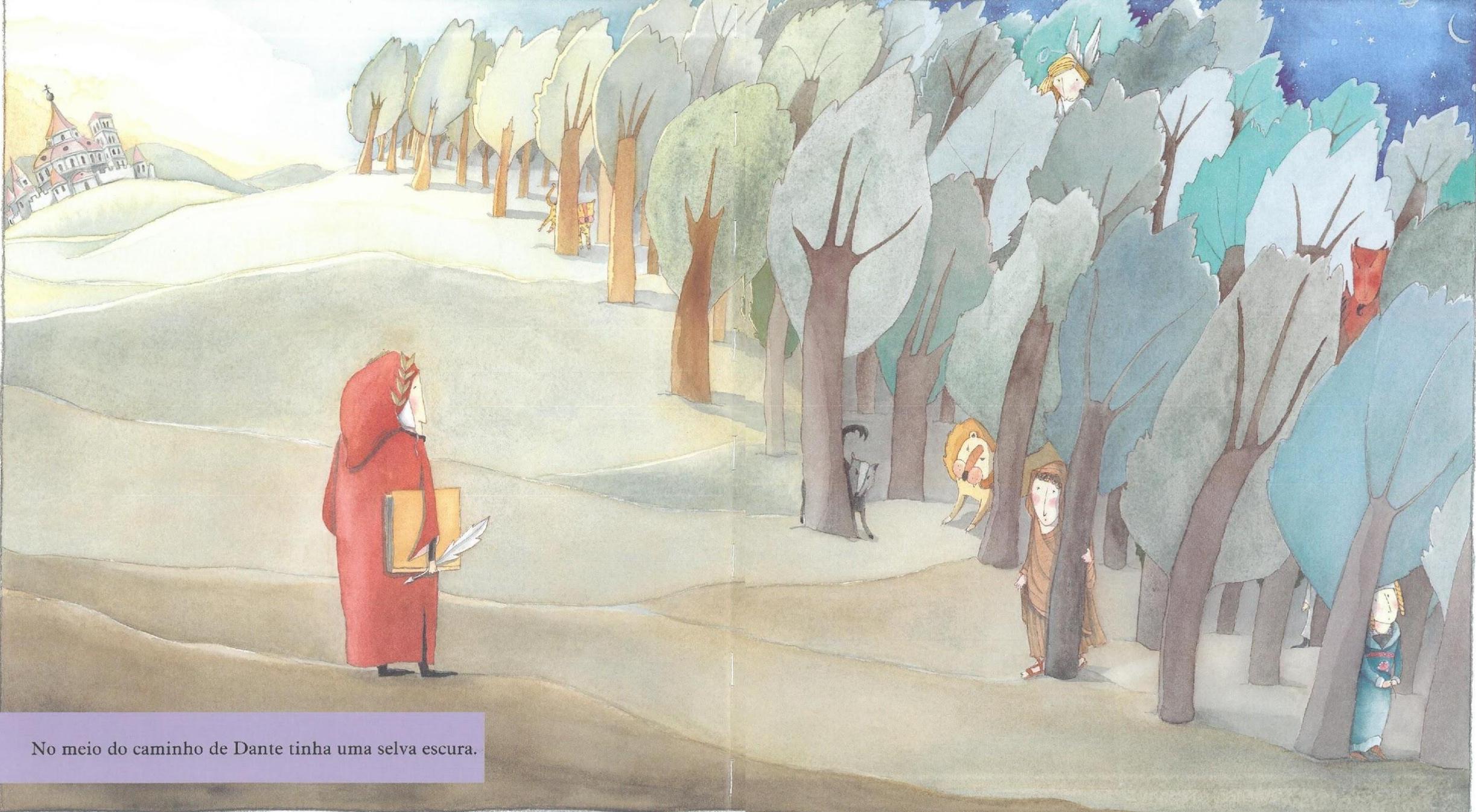


Ilustrações de Elisabeth Teixeira

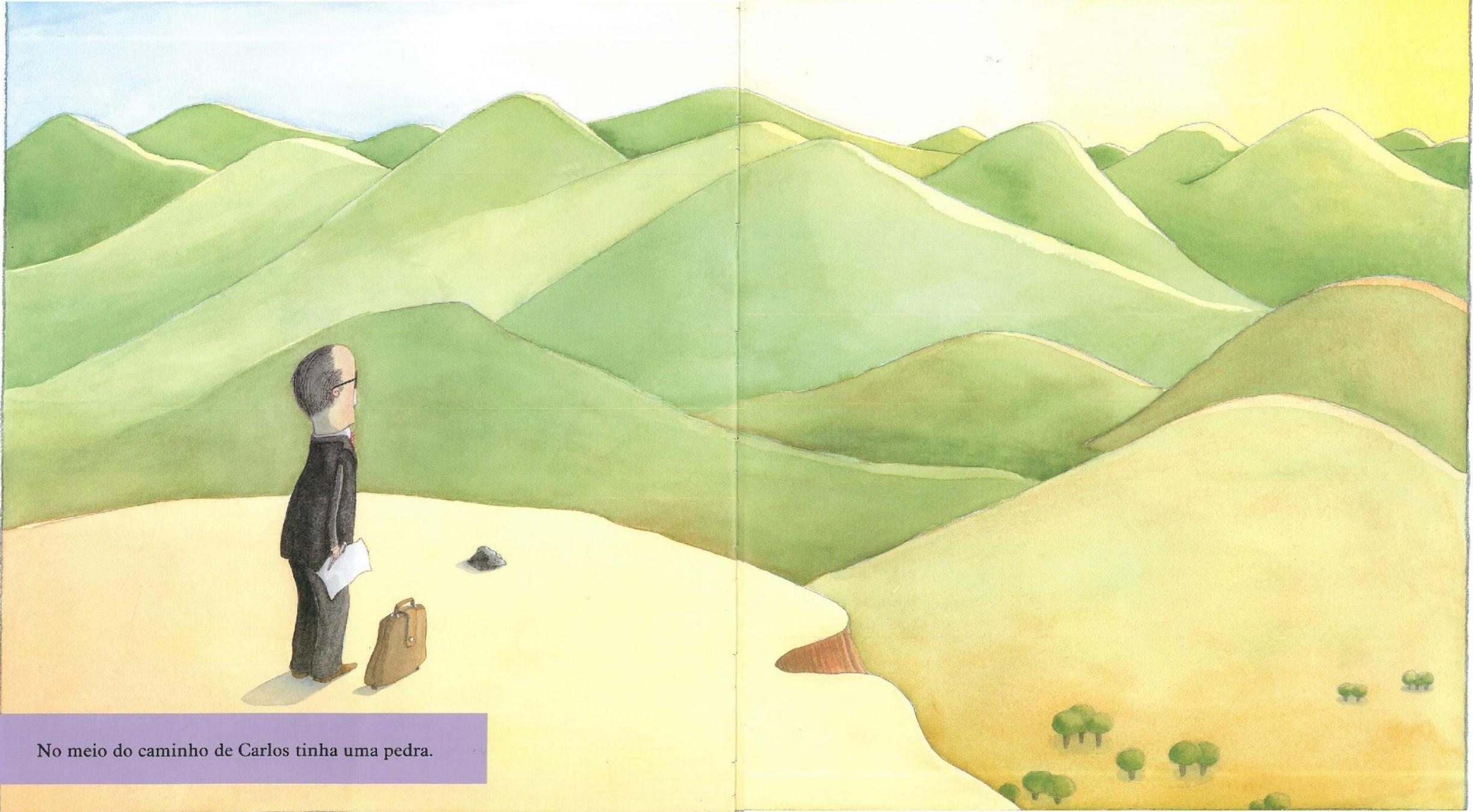


ea
editora ática

1ª edição
7ª impressão



No meio do caminho de Dante tinha uma selva escura.



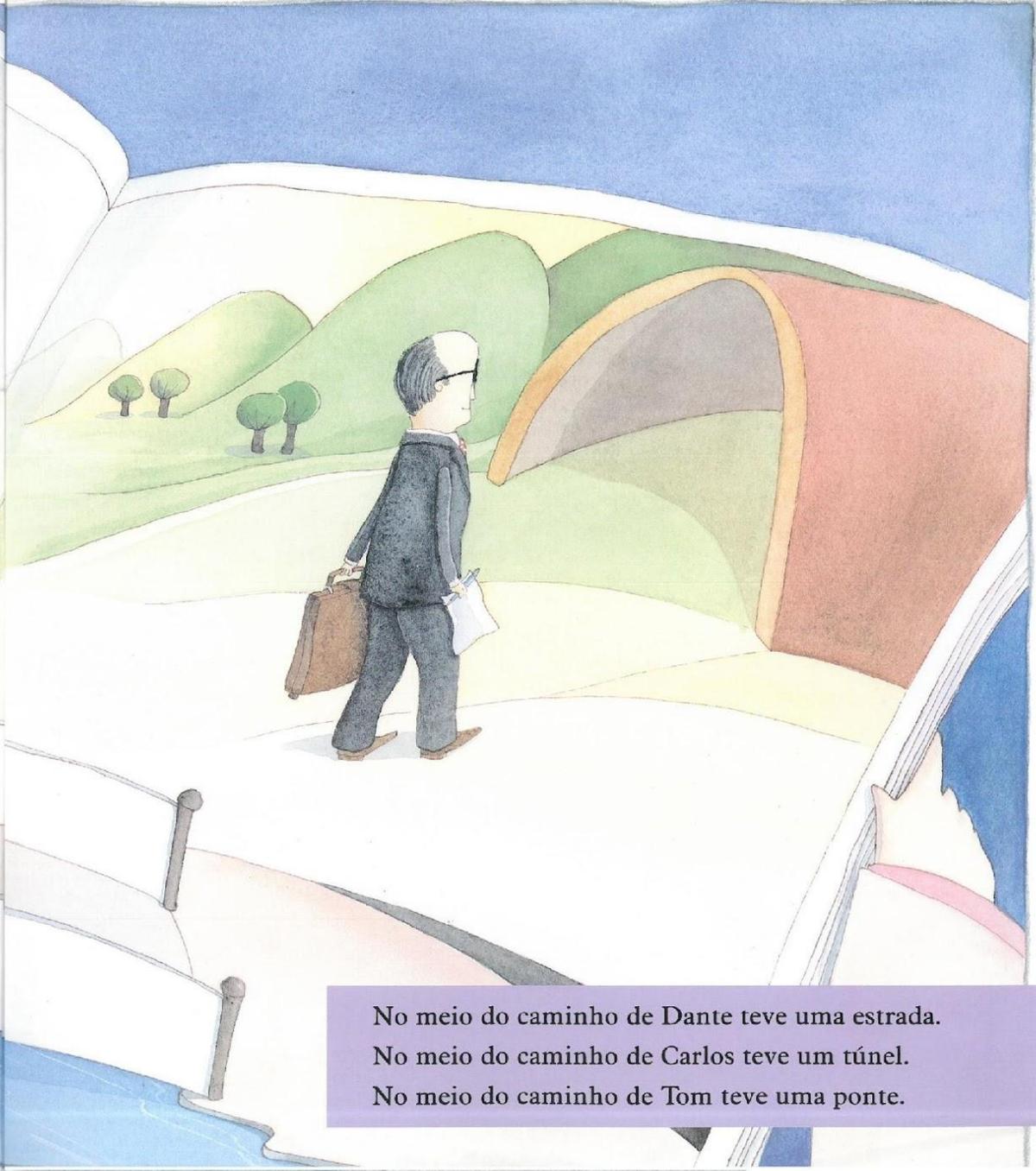
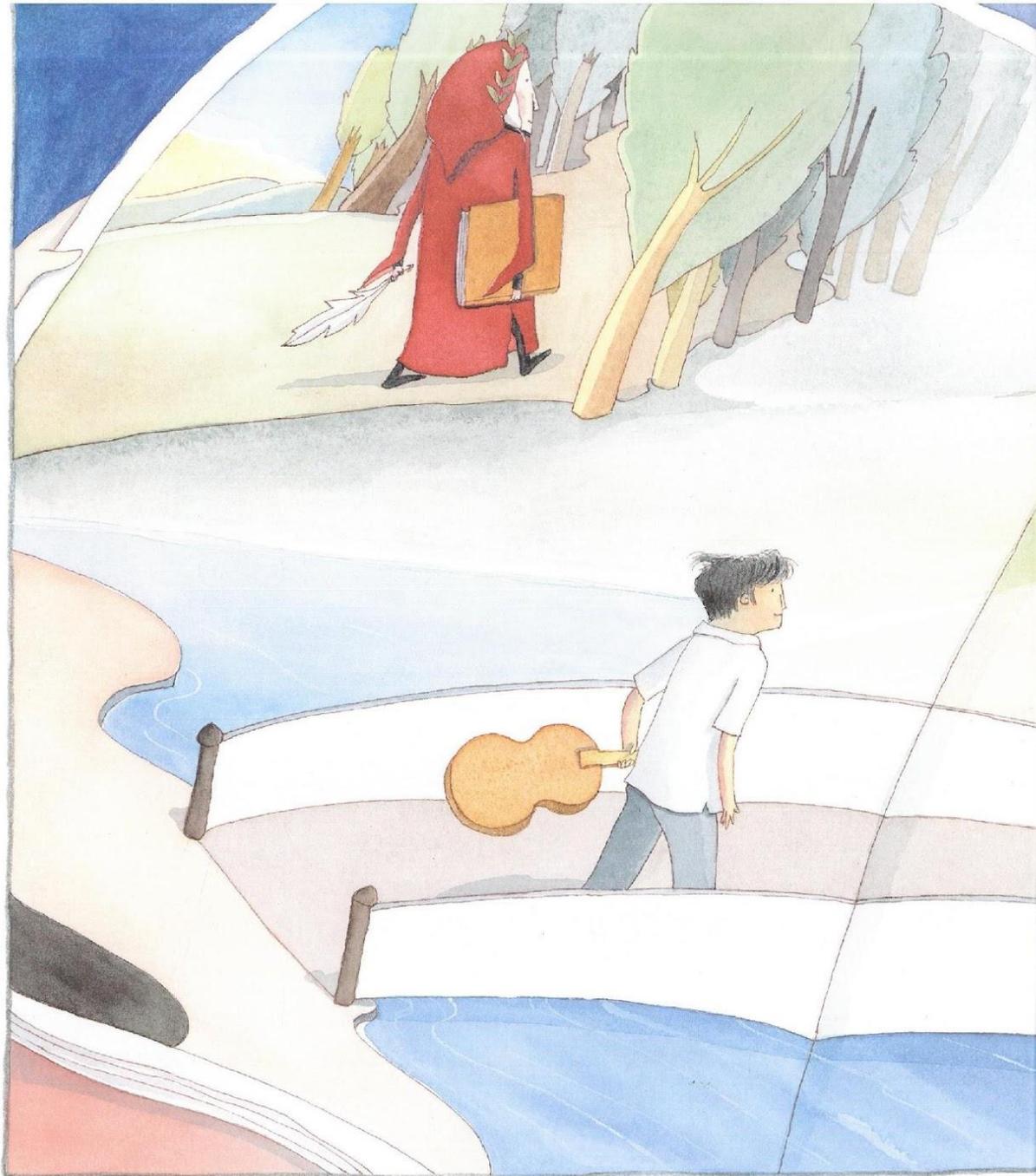
No meio do caminho de Carlos tinha uma pedra.



No meio do caminho de Tom tinha um rio.

Era pau.
Era pedra.
Era o fim do caminho?

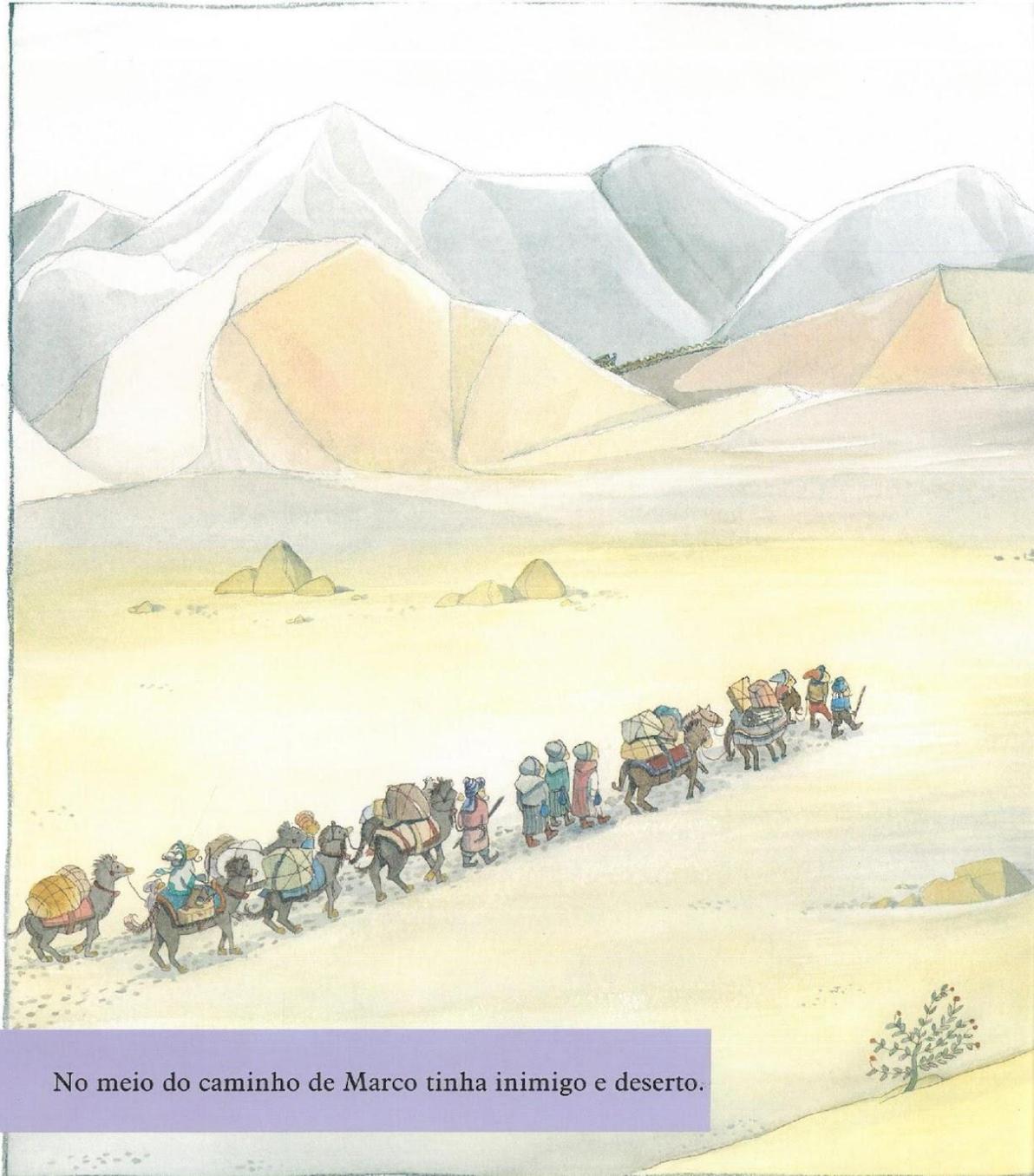




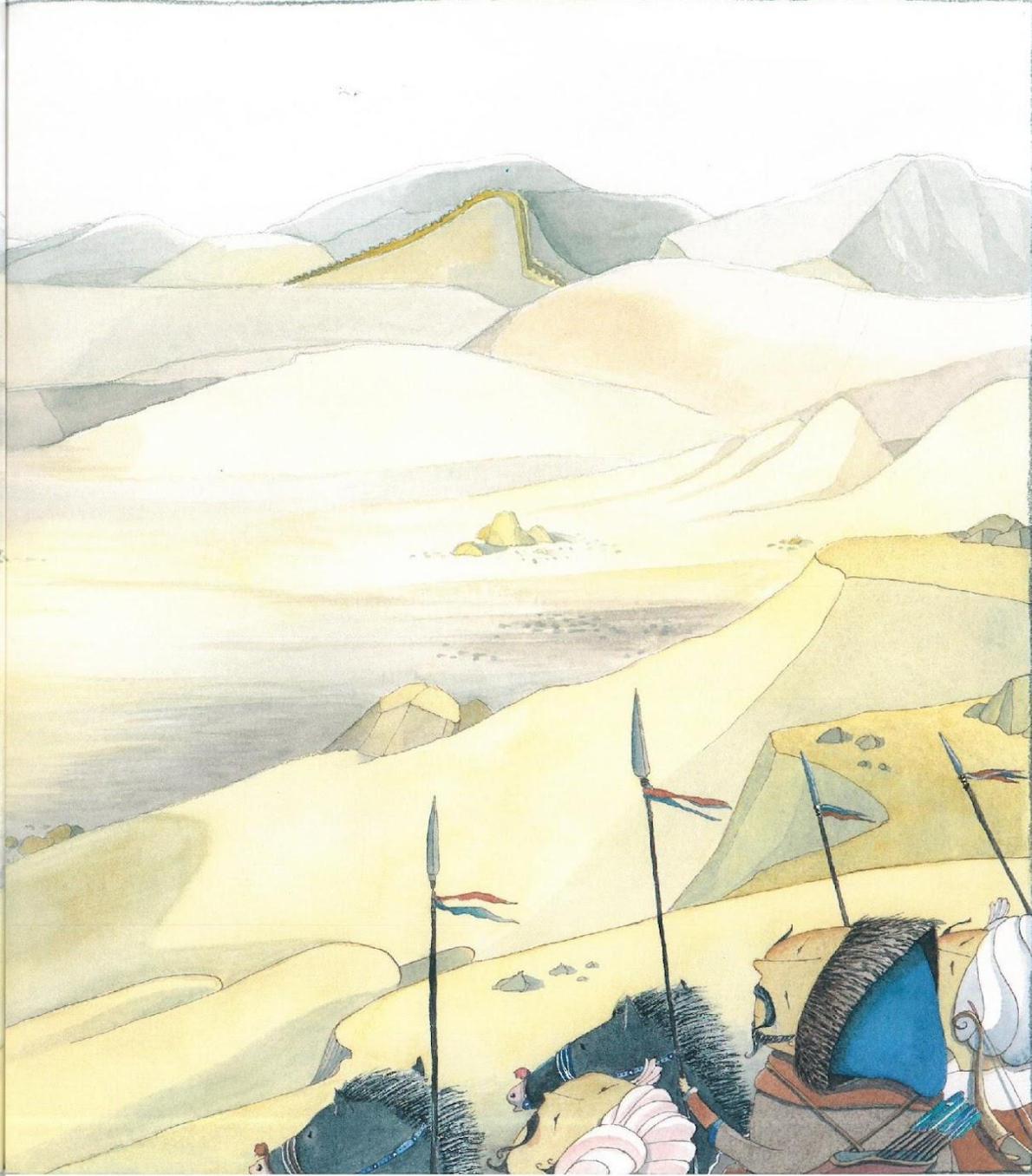
No meio do caminho de Dante teve uma estrada.
No meio do caminho de Carlos teve um túnel.
No meio do caminho de Tom teve uma ponte.

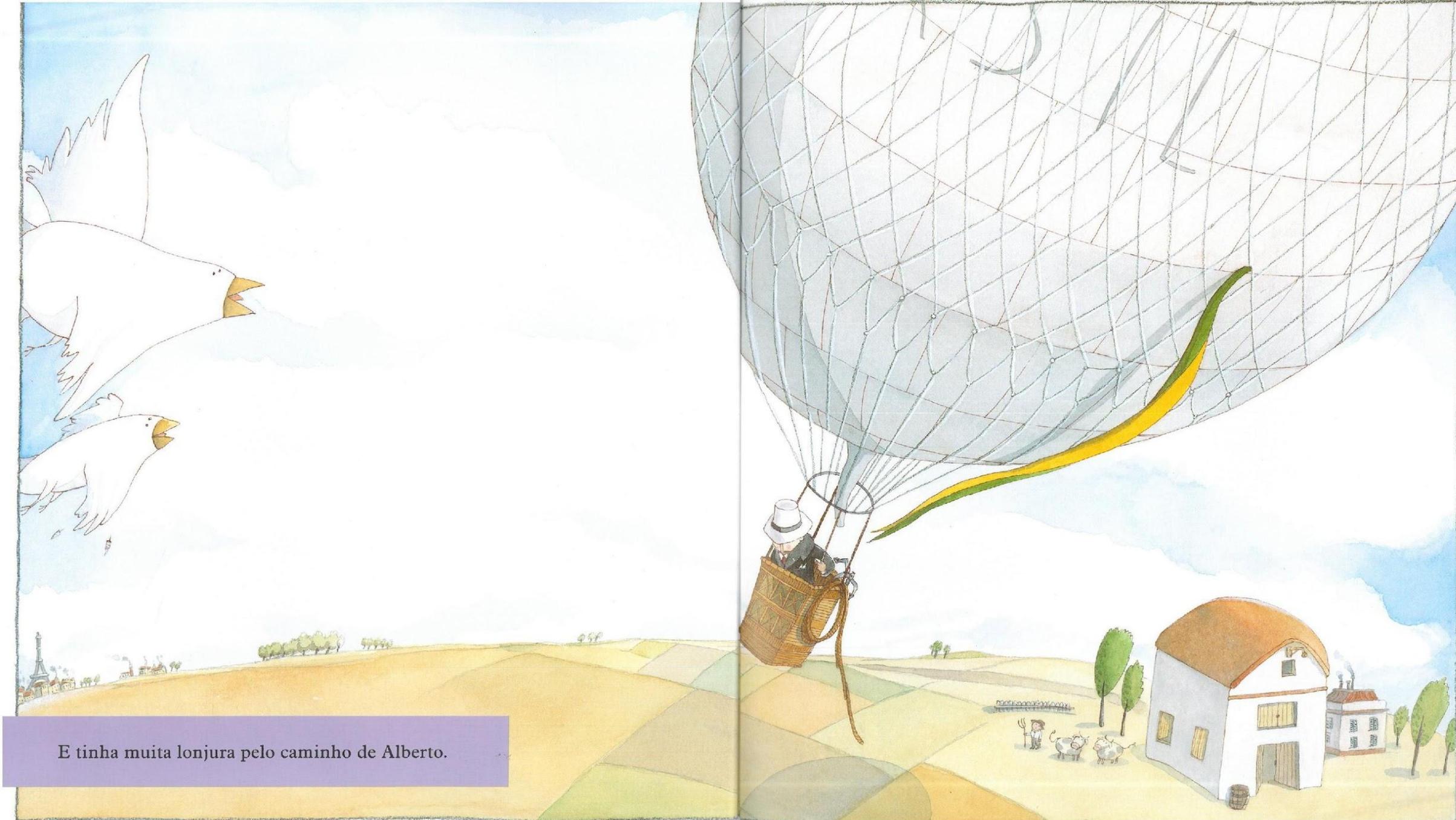


No meio do caminho de Cris tinha um oceano.



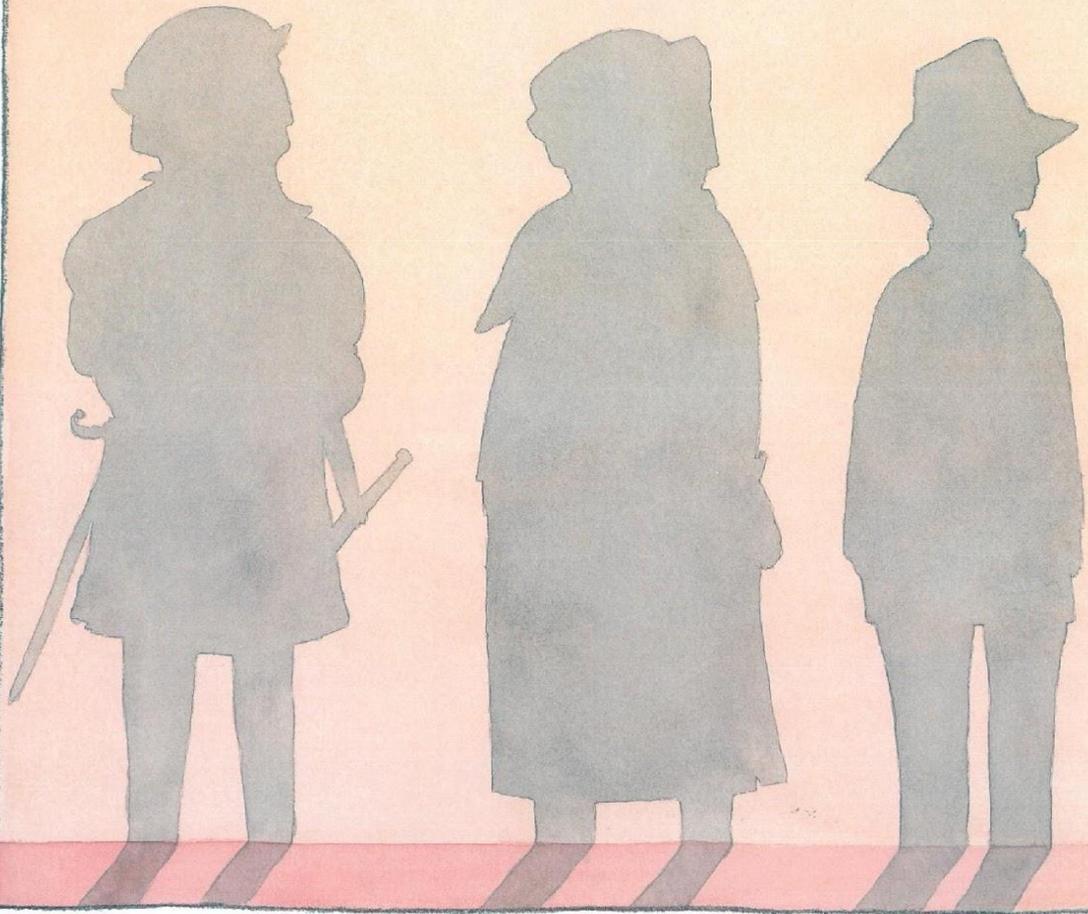
No meio do caminho de Marco tinha inimigo e deserto.





E tinha muita lonjura pelo caminho de Alberto.

Era pau.
Era pedra.
Era o fim do caminho?

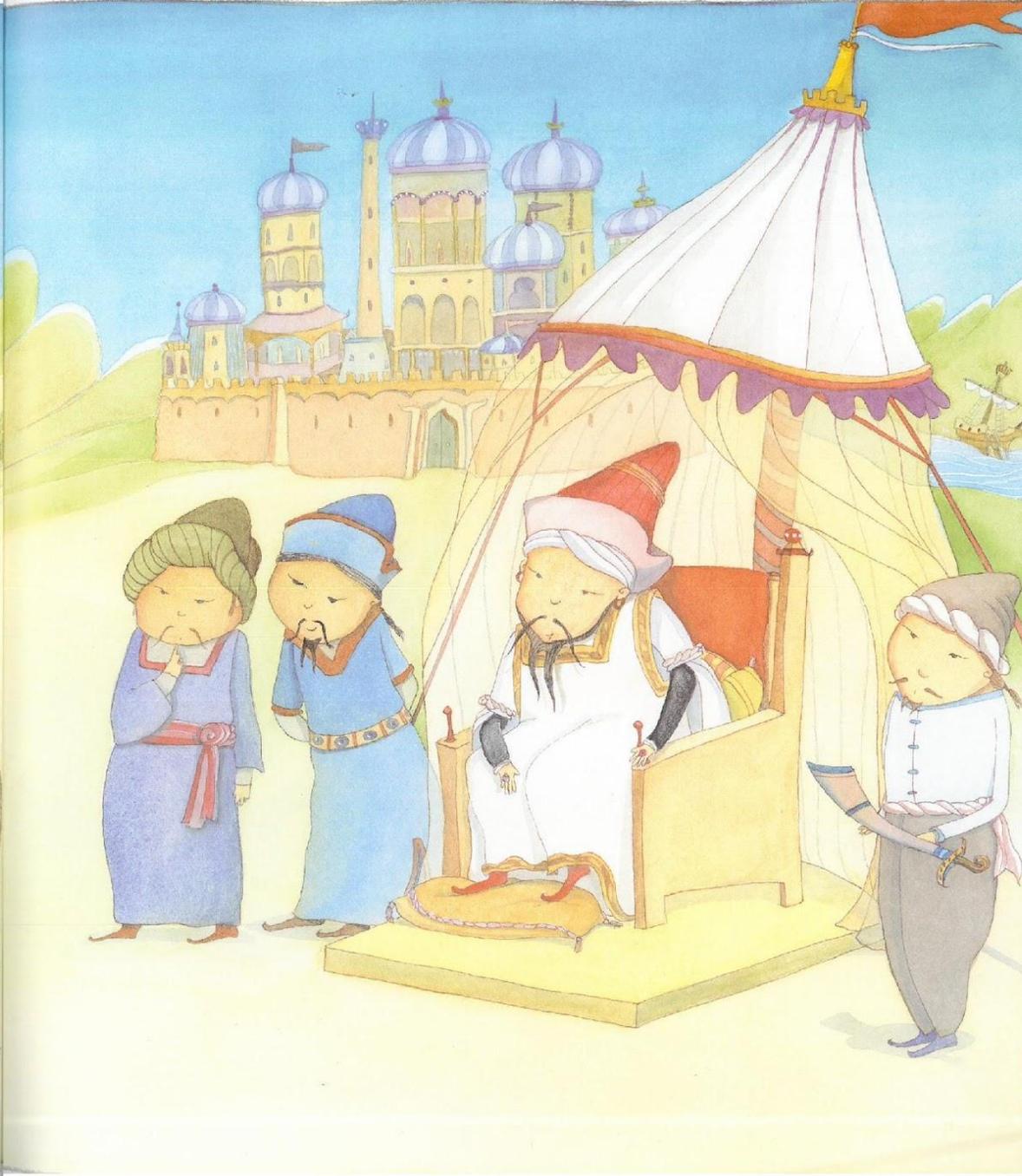
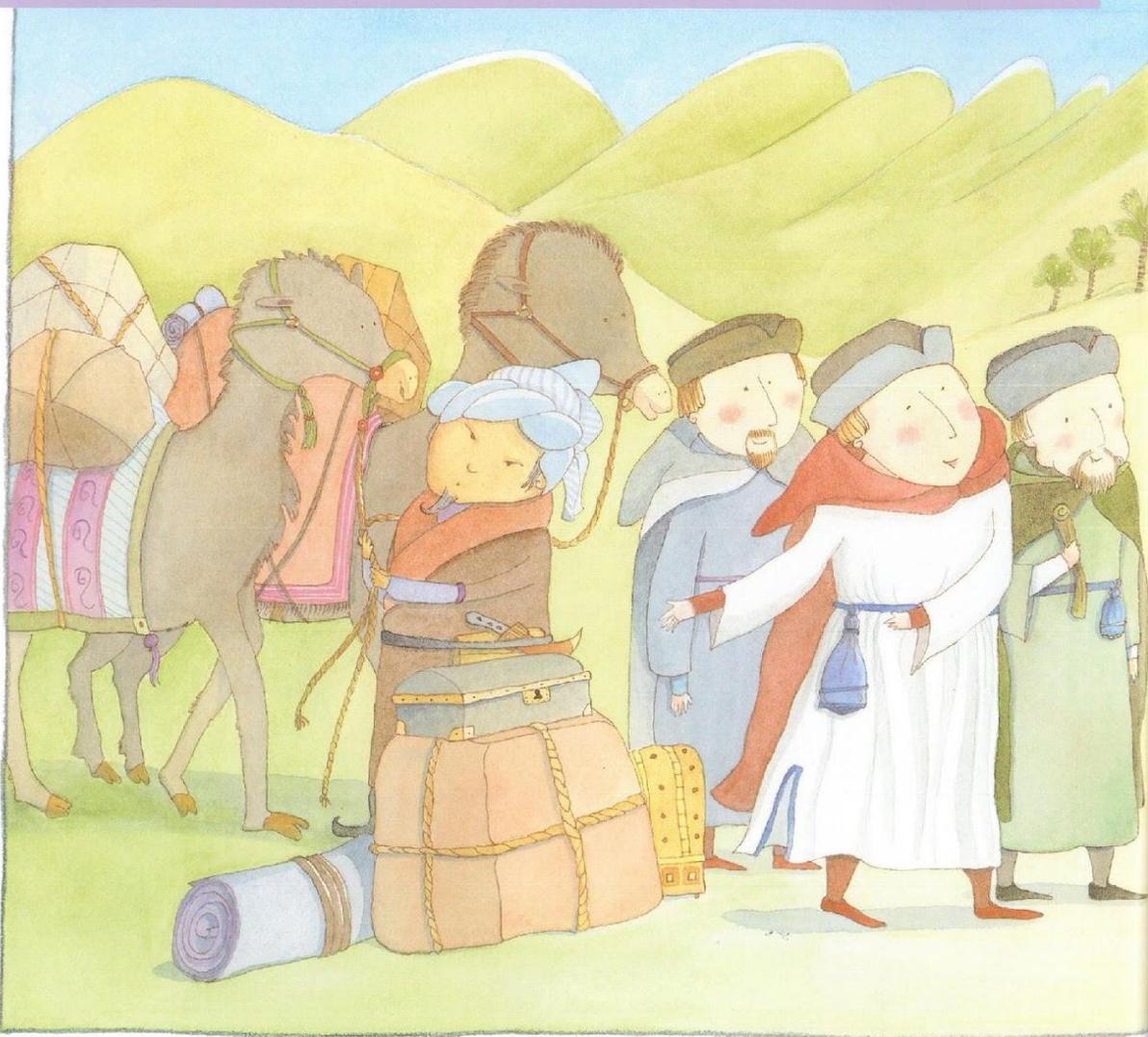


Pedra que faz fortaleza faz também mercado, bazar.

– Se eu conversar contigo, disso estou muito certo, consigo me aproximar...

Com muito encontro e negócio, inimigo vira amigo, quem está longe fica perto.

A caravana de Marco se encarregou de provar.

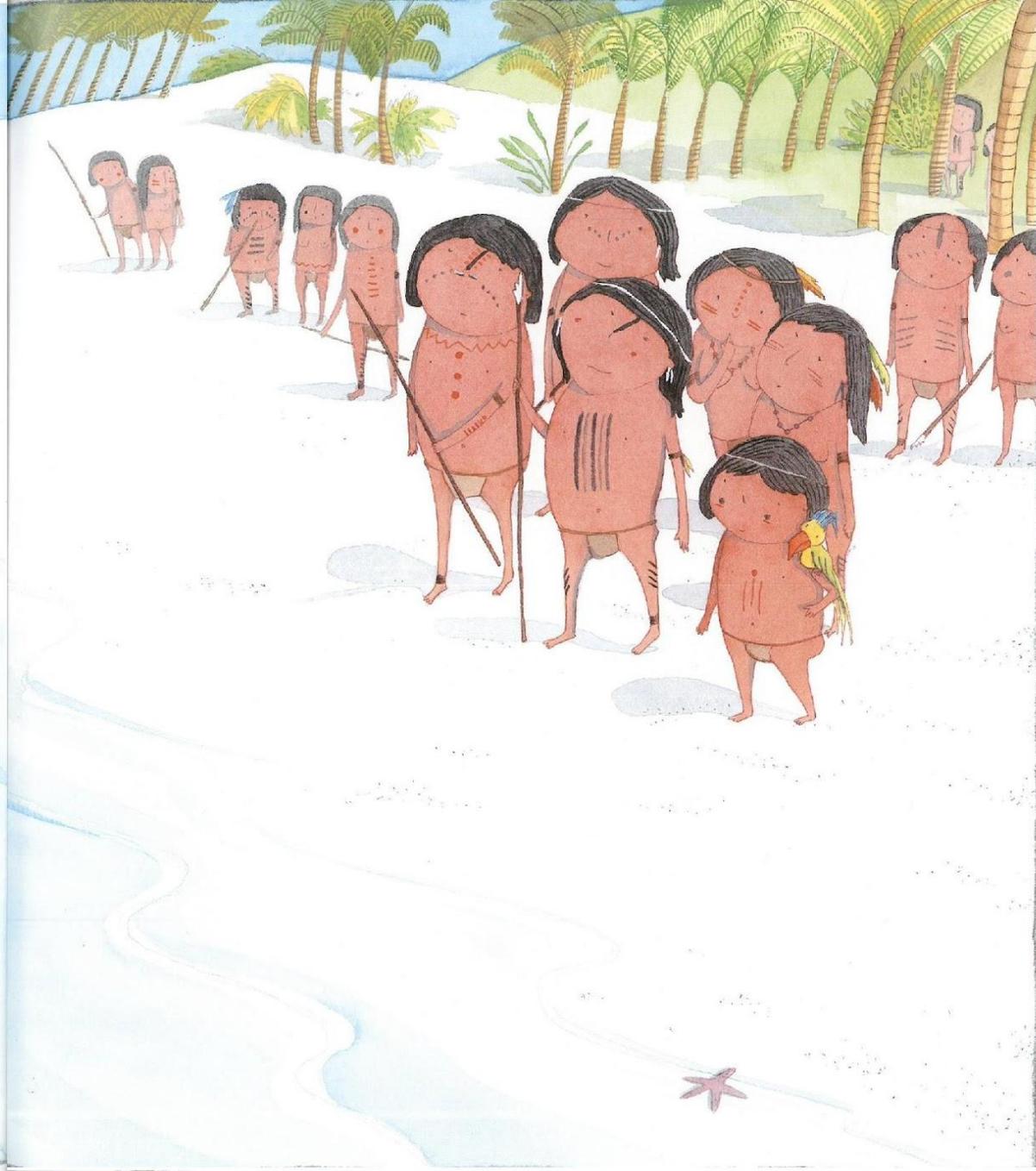
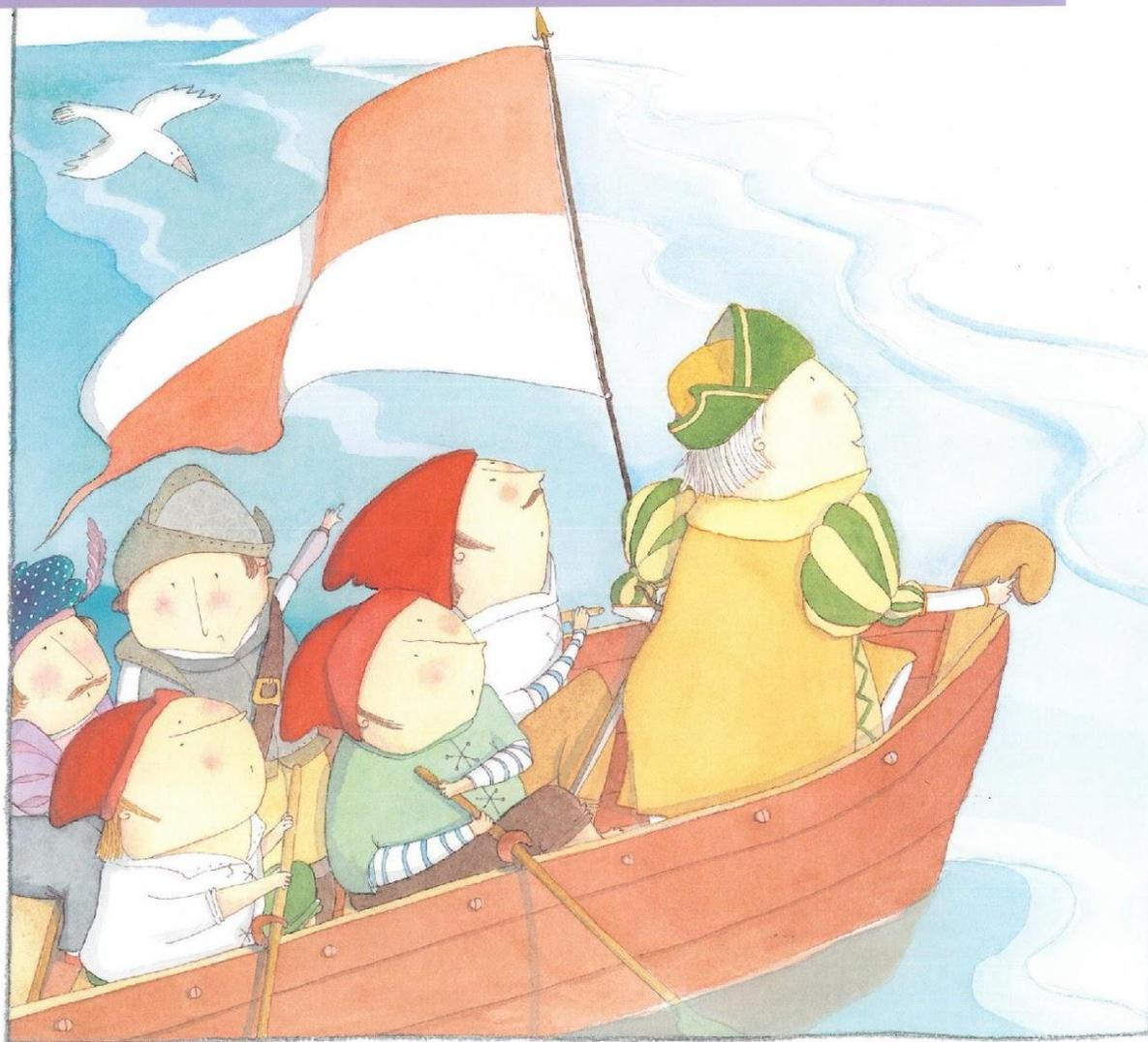


Pau, toco, tábua, madeira?...

– Faz navio de navegar!

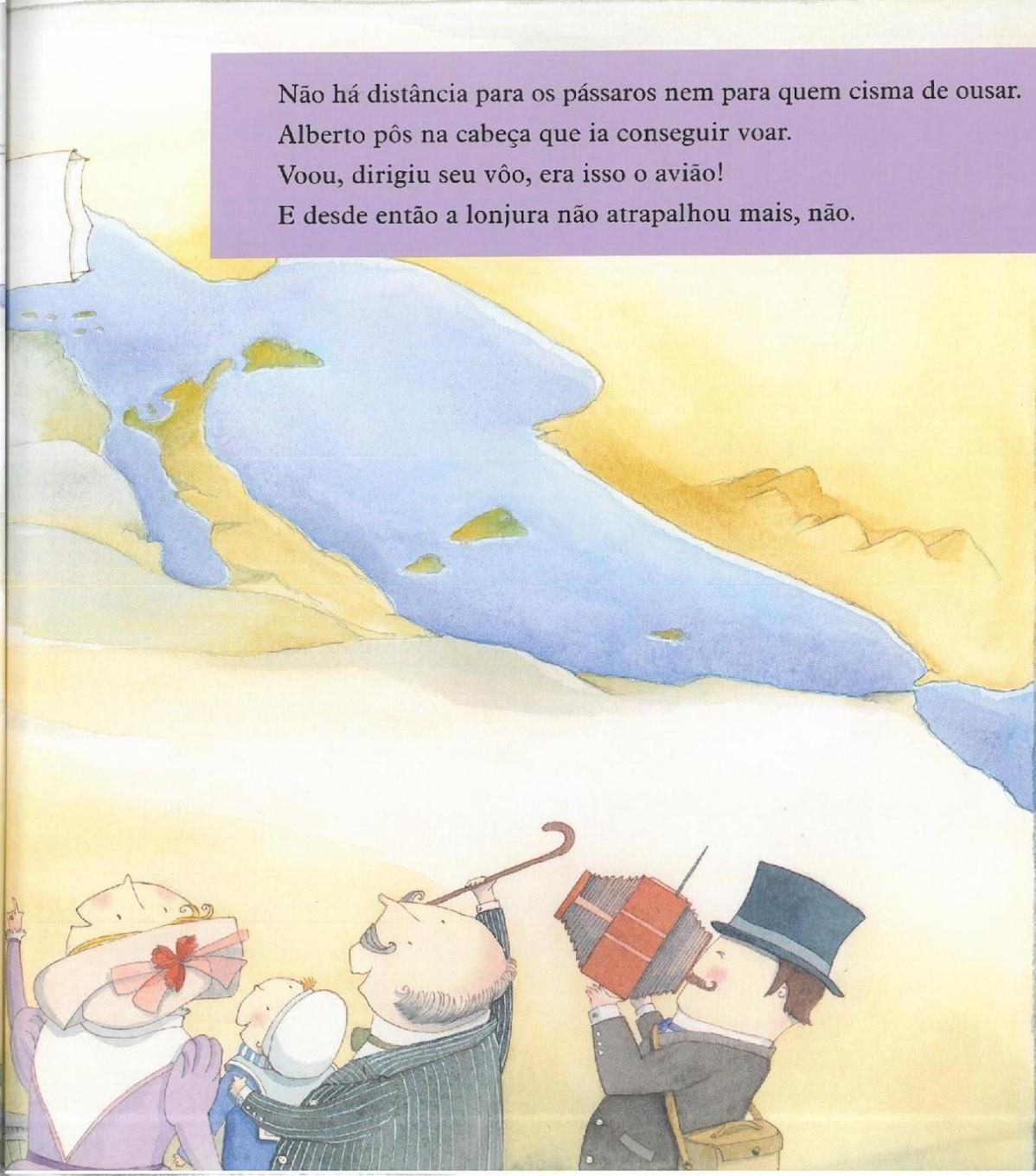
Mastro firme, branca vela, tronco agora é caravela para distância encurtar.

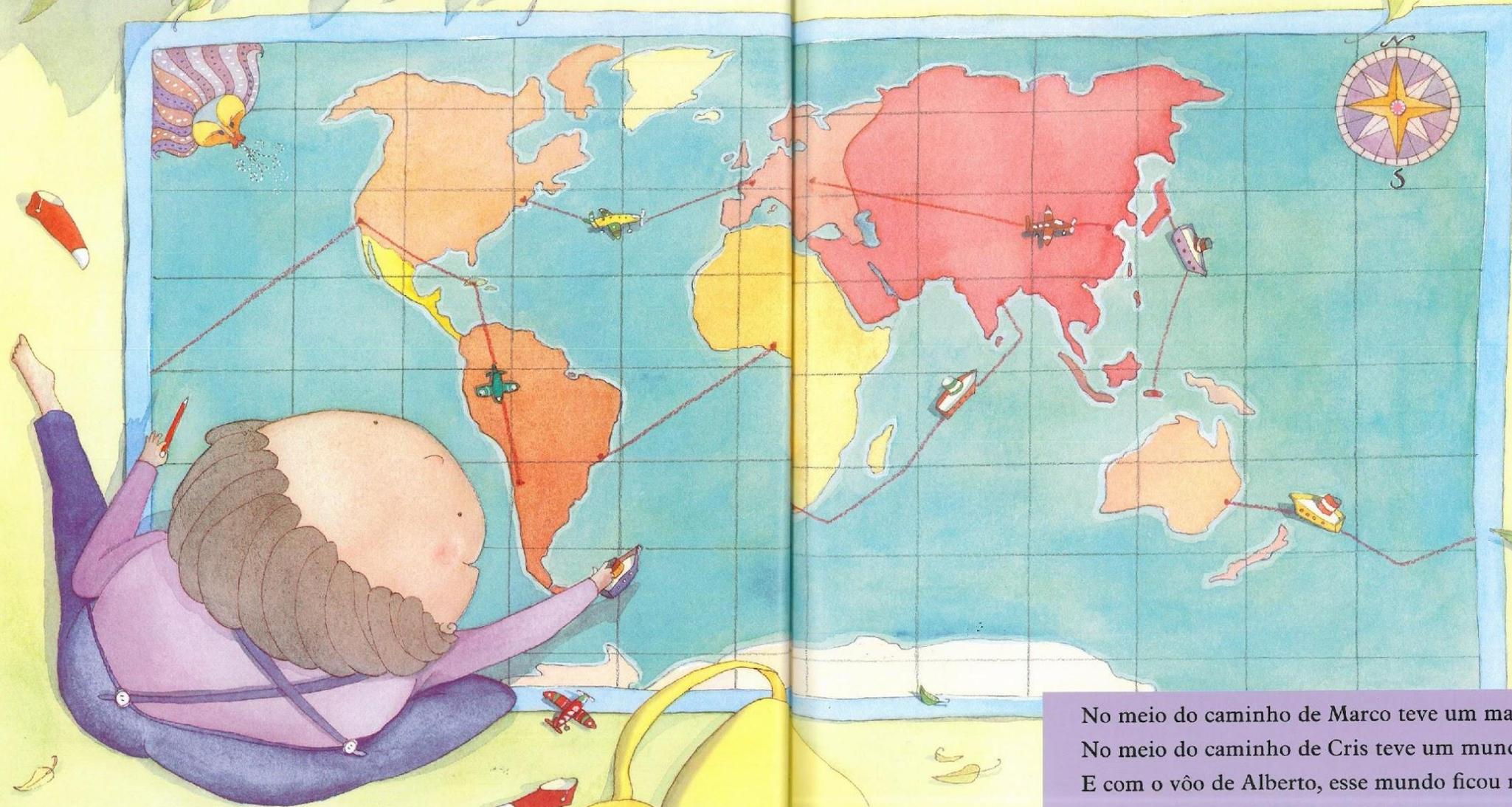
Com coragem, sobre as ondas, Cris atravessou o mar.





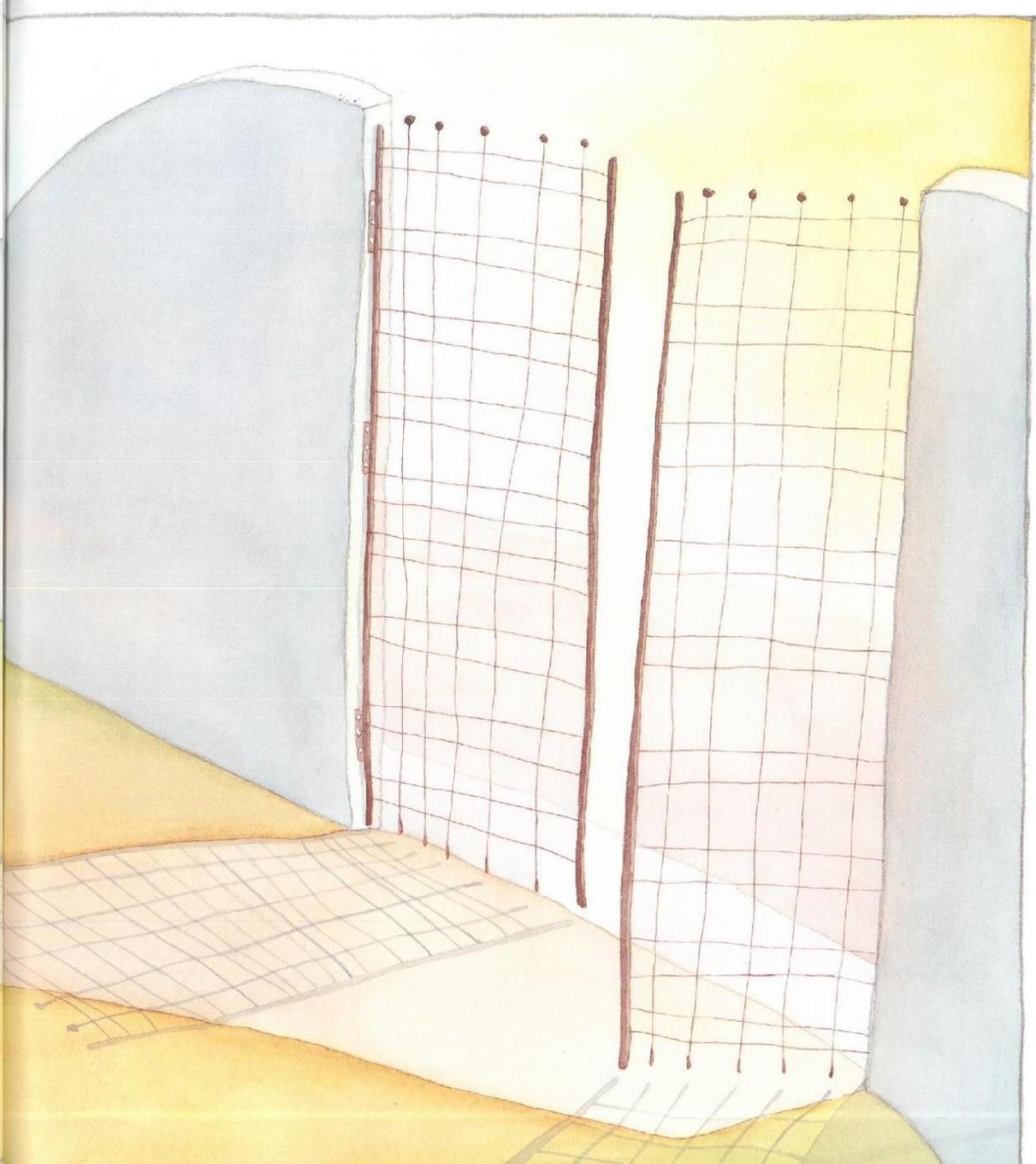
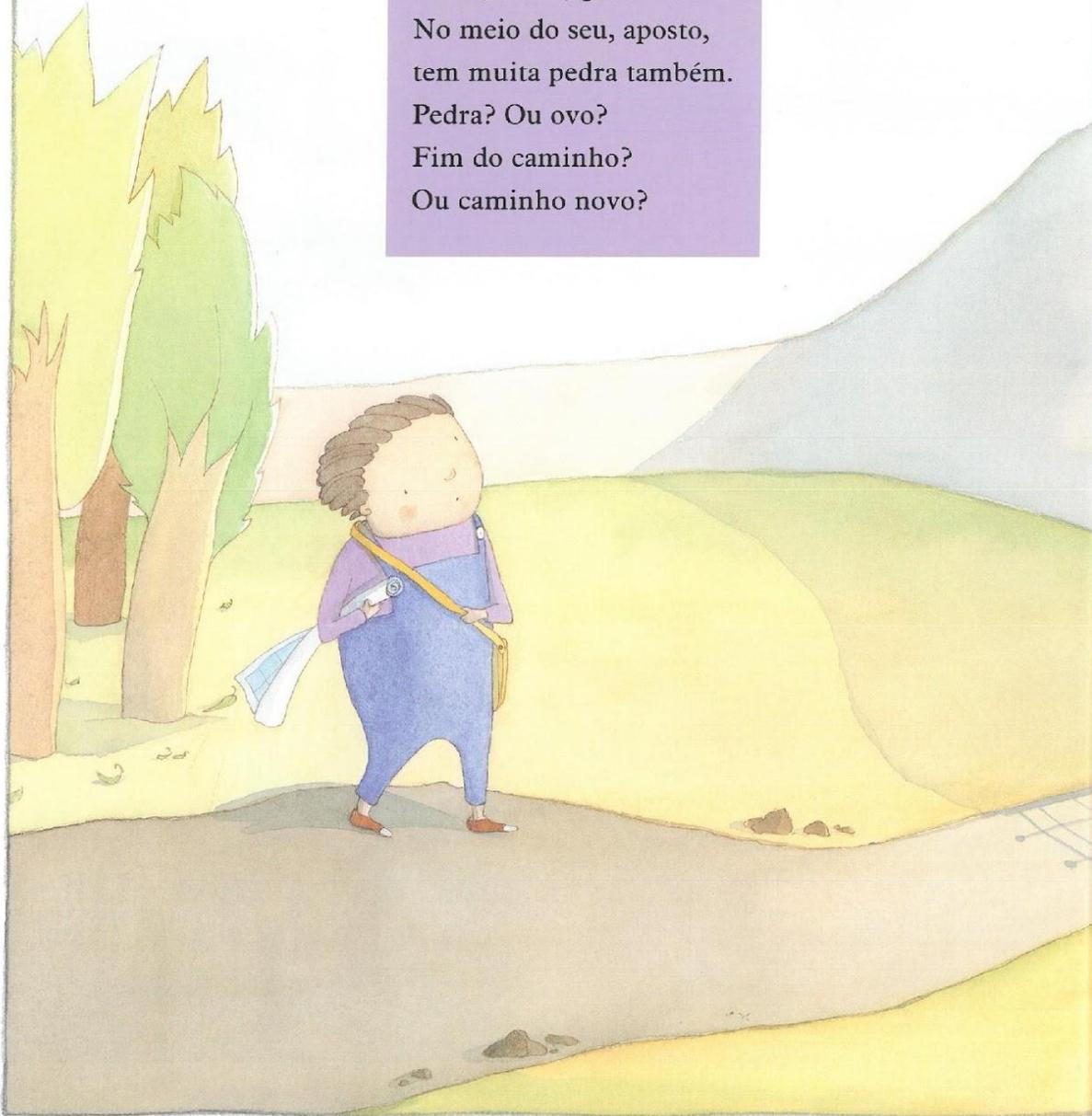
Não há distância para os pássaros nem para quem cisma de ousar.
Alberto pôs na cabeça que ia conseguir voar.
Voou, dirigiu seu vôo, era isso o avião!
E desde então a lonjura não atrapalhou mais, não.



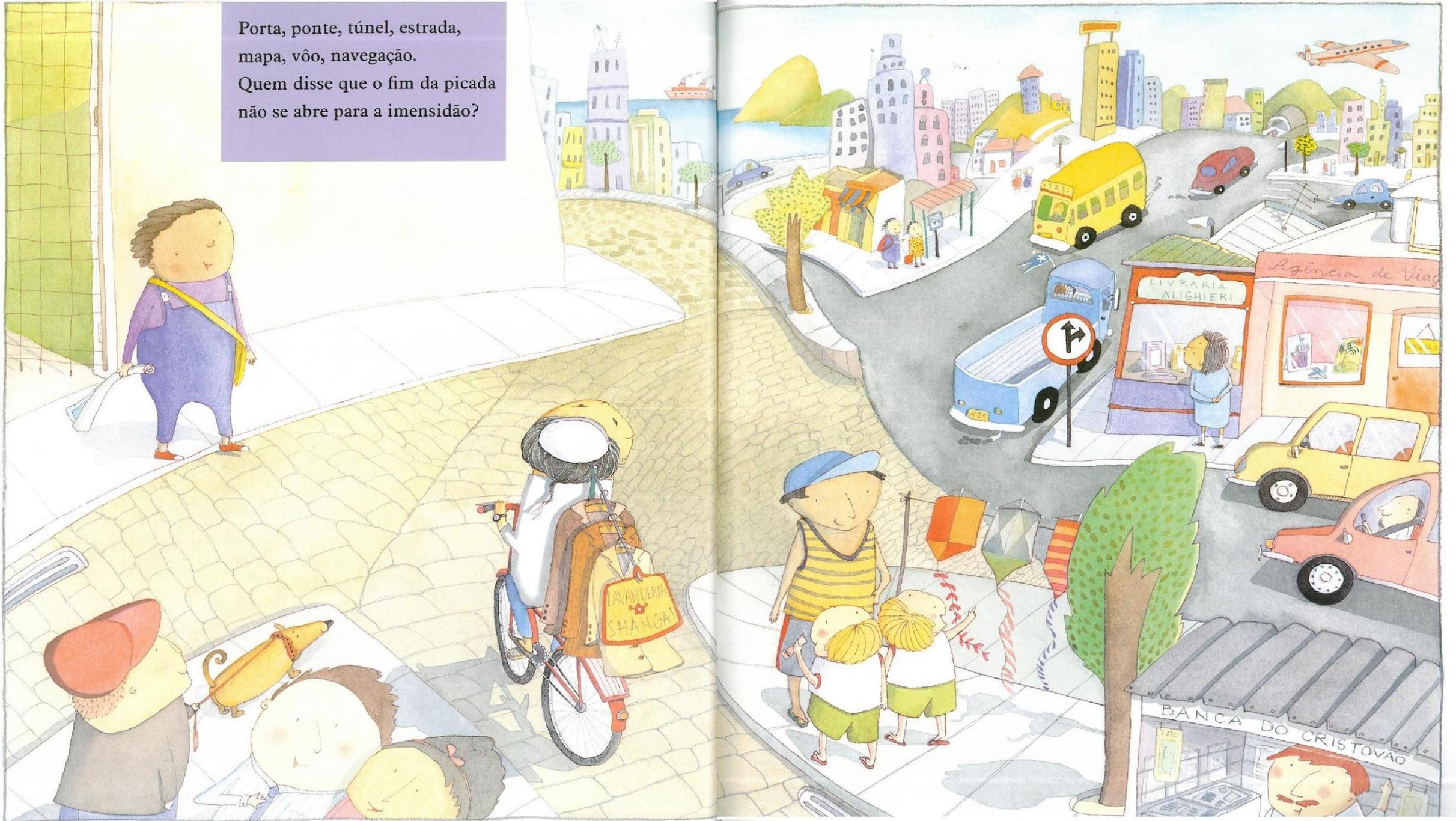


No meio do caminho de Marco teve um mapa bem melhor.
No meio do caminho de Cris teve um mundo bem maior.
E com o vôo de Alberto, esse mundo ficou menor.

No meio do meu caminho
tem coisa de que não gosto.
Cerca, muro, grade tem.
No meio do seu, aposto,
tem muita pedra também.
Pedra? Ou ovo?
Fim do caminho?
Ou caminho novo?

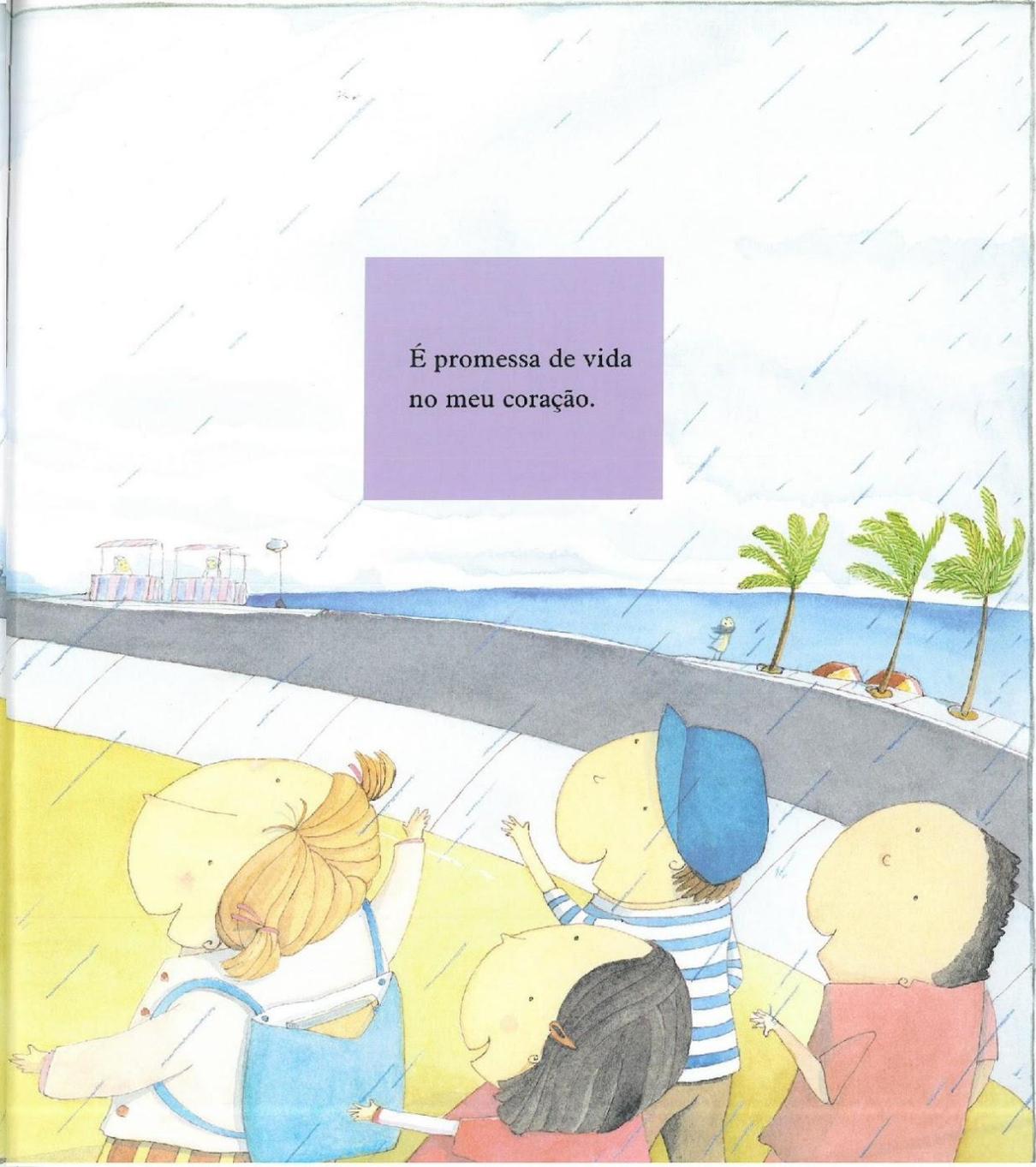


Porta, ponte, túnel, estrada,
mapa, vôo, navegação.
Quem disse que o fim da picada
não se abre para a imensidão?



Beco que vira avenida.
Muro que cai para o irmão.
Esperança renascida
escancarando a prisão.





É promessa de vida
no meu coração.



Salva mais sobre a autora no site: www.anamariamachado.com

Foi artista plástica, professora, jornalista, dona de livreria, radialista... até se tornar um dos maiores nomes da literatura infanto-juvenil mundial.

Com 8 anos já lia de tudo: história em quadrinhos, Monteiro Lobato. E querendo sempre aprender mais, experimentar, buscar, foi vencendo obstáculos e abrindo o próprio caminho.

Não demorou a descobrir que a vida pode ser um grande desafio: antes dos 5 anos aprendeu a ler, sozinha.

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1941. Não demorou a descobrir que a vida pode ser um grande desafio: antes dos 5 anos aprendeu a ler, sozinha.

Ana Maria Machado nasceu no Rio de Janeiro, em 1941. Não demorou a descobrir que a vida pode ser um grande desafio: antes dos 5 anos aprendeu a ler, sozinha.

Levando a um leitor muito especial sua maneira de viajar e descobrir o mundo. Elisabeth já ilustrou mais de 40 livros, alguns premiados.

Foi professora de fotografia e publicitária. Em 1992, descobriu na literatura infanto-juvenil um caminho onde poderia criar imagens para as mais variadas histórias.

Pensava em ser arqueóloga mas estudou na Escola de Belas Artes da UFRJ, foi professora de fotografia e publicitária. Em 1992, descobriu na literatura infanto-juvenil um caminho onde poderia criar imagens para as mais variadas histórias.

Foi abrindo seu caminho aos poucos tentando descobrir o que mais gostava. Pensava em ser arqueóloga mas estudou na Escola de Belas Artes da UFRJ, foi professora de fotografia e publicitária. Em 1992, descobriu na literatura infanto-juvenil um caminho onde poderia criar imagens para as mais variadas histórias.

Elisabeth Texeira nasceu em 1961. Foi abrindo seu caminho aos poucos tentando descobrir o que mais gostava. Pensava em ser arqueóloga mas estudou na Escola de Belas Artes da UFRJ, foi professora de fotografia e publicitária. Em 1992, descobriu na literatura infanto-juvenil um caminho onde poderia criar imagens para as mais variadas histórias.



É pau. É pedra. É o fim do caminho.
"Águas de março", de Tom Jobim

Abrindo Caminho é mais que uma história...

Mostra personagens importantes do passado, desbravadores que

enfrentaram a selva, o deserto, o oceano, o céu...

Gente de verdade que conseguiu transformar obstáculo em caminho,
inimigo em amigo, fim em começo. E quantos caminhos foram abertos!

Quem são esses personagens? Você é capaz de descobrir?

E quantos caminhos existem ainda por abrir!



Ana Maria Machado é ganhadora do Hans Christian Andersen,
o prêmio máximo da literatura infantil mundial.



A sugestão de faixa etária serve apenas como orientação: é importante considerar o nível de maturidade e o grau de domínio da leitura.



Leitura íntima

A importância que a leitura intimista tem para as crianças pequenas, em seu próprio ritmo e sustentada pela segurança proporcionada pelo vínculo com o adulto, é enorme. Não se trata apenas de acervos, de bons livros, trata-se também de rever a qualidade das intervenções.

[...]

Quando possibilitamos leituras íntimas, a maioria das crianças consegue encontrar um ritmo de atenção adequado à sua personalidade, que irá se tornando cada vez mais requintado em função de sua experiência. Quando a atenção avança, começam a aparecer os interesses pessoais: determinados gêneros, personagens, conflitos literários.

Maria Emília López

Secretaria de
Educação



Leitura íntima

Construir, com um pequeno leitor, sua capacidade interna de acomodar a leitura, esse tempo de outra dimensão em que os atos das palavras se tornam as peles imaginárias de suas outras vidas - todas aquelas que a literatura lhe permite viver - requer flexibilidade e disponibilidade por parte do adulto acompanhante. Porque toda ideia que provenha de uma criança, mesmo aquela que não podemos ler por ausência de palavras, no caso dos bebês, é um impulso de vida. Todo movimento, choro ou rebeldia é linguagem. Teremos que ensaiar as formas de lidar com as diversas expressões das crianças para não menosprezar suas necessidades e habilidades, seus chamados e suas formas de habitar o mundo.

Maria Emília López

“Aprender a ler as crianças” está em íntima sintonia com essa proposta de leitura: aprender a ler livros, famílias e intervenções também.

[...]

Quando protegemos o vínculo amoroso, quando nutrimos com recursos esse tempo compartilhado, estamos trabalhando no território da saúde psíquica, algo fundamental na primeira infância.

[...]

Desfrutar da literatura, alojar-se na fantasia, sonhar com a vida e metaforizá-la, encontrar alimentos para a própria vida imaginária são atributos para a saúde mental, afetiva, poética, cognitiva, social.

Maria Emília López

Existe alguma pureza possível na discriminação entre a fantasia e a realidade?

Qual o papel da imaginação na linguagem cotidiana?

O que faz um mediador com o texto literário quando tenta levá-lo ao terreno da explicação?

O que os meninos e as meninas recebem da linguagem quando os livros que colocamos à sua disposição são atravessados pelos mandatos escolarizados, que implicam "tirar o máximo proveito" em função de outros créditos supostamente mais vantajosos e úteis para a vida do que a possibilidade de habitar a ficção, de sentir o "formigamento não verbal do nosso ser"?

Quantas vezes acontece de julgarmos uma história como inadequada sem nos termos mergulhado nela e perdermos a oportunidade de explorá-la e oferecê-la às crianças?

O que será que produz a necessidade de interrompermos as falas das crianças nos momentos de leitura?

Os livros planos, que apenas dão lições sobre como ser uma boa criança ou desenvolver uma habilidade esperada, não deixam de ser moralistas, não têm camadas de significação para desmantelar, não permitem que variações subjetivas encontrem algum eco, e, então, onde está o processo da leitura?

Quanta "verdade" emerge das histórias de trancoso e bruxas! Quão necessária parece ser a ficção nessas noites de histórias e bruxas. O que há, então, além da necessidade imperiosa de imaginar, que leva esses grandes homens a se refugiarem sob a proteção da fantasia?

Um ritual construído por um pai e seus companheiros da noite: a luz da lamparina, as histórias assustadoras, exorcizando a morte, espantando os espíritos desconhecidos ou simplesmente aproveitando esse aspecto que parece ser vital para a mente humana, como é inventar histórias?

Gênero: Contos de Fadas (1)

"Presente de amor"

Definição de Bruno Bettelheim

“Para decidir se uma estória é um conto de fadas ou algo inteiramente diferente, a pessoa deve se perguntar se poderia ser corretamente chamada de ‘presente de amor’ para uma criança.” (p. 35)

Ordenação interna

Ajuda a criança a manejar tendências contraditórias

“A criança intuitivamente compreende que, embora estas estórias sejam irreais, não são falsas; que ao mesmo tempo que os fatos narrados não acontecem na vida real, podem ocorrer como uma experiência interna e de desenvolvimento pessoal; que os contos de fadas retratam de forma imaginária e simbólica os passos essenciais do crescimento e da aquisição de uma existência independente.” (p. 90)



Pensamentos mágicos

Personificação de desejos e medos

“Quando todos os pensamentos mágicos da criança estão personificados num bom conto de fadas – seus desejos destrutivos, numa bruxa malvada; seus medos, num lobo voraz; as exigências de sua consciência, num homem sábio encontrado numa aventura; suas raivas ciumentas, em algum animal que bica os olhos de seus arqui-rivais – então a criança pode finalmente começar a ordenar essas tendências contraditórias. Isso começado, a criança ficará cada vez menos engolfada pelo caos não manejável.” (p. 82)

Contos de Fadas (2)



Consolo

Confiança no sucesso apesar das tribulações



Desenvolvimento

Passos essenciais do crescimento



Experiência interna

Compreensão intuitiva do simbólico

“O consolo é o maior serviço que o conto de fadas pode prestar à criança: a confiança em que, apesar de todas as tribulações que tem de sofrer (como a ameaça de deserção dos pais em ‘João e Maria’; o ciúme dos pais em ‘Branca de Neve’ e das irmãs em ‘Cinderela’; a raiva devoradora do gigante em ‘João e o Pé de Feijão’; a vileza dos poderes do mal na ‘Bela Adormecida’), não apenas ele terá sucesso, como as forças do mal se extinguirão e nunca mais ameaçarão a paz de sua mente.” (p. 181)

O que é poesia?

Como abordá-la?

Vocês leem poesia?

Leem poemas para as crianças?

Alguém recitou poemas para elas alguma vez?

A poesia é invisível. Isso demonstra, ainda mais claramente, que estamos perante um terreno onde é fundamental semear.

A poesia é pouco visível em muitos contextos, não só nas bibliotecas, mas também nas escolas, nos lares, nos catálogos editoriais de literatura para crianças. Talvez por esse carácter disruptivo que tem sobre a linguagem da vida fática - a vida que nos domina -, ela se torne tão alheia.

A utilidade, no sentido explícito, formas de linguagem atadas à comunicação que ofuscam os outros usos da linguagem, suas outras "utilidades": o devaneio, a capacidade de imaginar, a possibilidade de fazer coisas com palavras, o jogo, o pensamento metafórico, a envoltura musical, o aprofundamento da sensibilidade. Dedicamos várias páginas dos capítulos anteriores a trabalhar a importância da metáfora como argamassa do pensamento e da criatividade. Nesse sentido, poderíamos dizer que a poesia, aparentemente tão vazia, é a linguagem por excelência para não ficarmos aprisionados nos sentidos únicos, nas formas homogeneizantes de olhar a vida e de construir a realidade.

A poesia é sempre dizer de outra forma.

Poderíamos dizer que um primeiro obstáculo nesse encontro com a poesia é dado pela falta de experiência de leitura, pelas poucas oportunidades de encontro com situações poéticas na vida cotidiana. Os poemas da tradição oral muitas vezes desaparecem da consciência adulta, como vimos o que acontece com as canções de ninar e os arrulhos. Outra limitação é dada por certas convenções muito enraizadas acerca dos aspectos formais da obra poética.

A poesia na primeira infância desempenha um papel fundamental não apenas como emergente do poético, mas como material de construção da linguagem. "A poesia é uma escola de linguagem", diz Georges Jean, porque na brincadeira, na exploração, nas construções de sentido, por vezes caprichosas, as crianças ensaiam sobre o significado, a musicalidade e a ordenação da linguagem. Começamos a pensar em algo disso a partir das reflexões sobre o balbucio.

Por meio do contato com a poesia, as crianças entram na língua a partir do lugar mais agradável e ao mesmo tempo mais efetivo: o brincar/o jogo, e simultaneamente, da forma mais abstrata.

Que paradoxo: as crianças começam a se relacionar com a linguagem a partir de sua forma mais complexa. Mas a complexidade dessa abstração é compreensível para eles, porque a sua base emocional lhes permite construir significados e conectar significantes onde os adultos só conseguem replicar os existentes. As crianças não exigem tanta racionalização da palavra, elas se permitem o absurdo e o humor sem nenhum ressentimento.

As crianças nunca pediriam à poesia qualquer outra "utilidade" além de sua existência, porque para elas o brincar é a coisa mais interessante do mundo.

Gênero: Poesia

Convite (José Paulo Paes)



Poesia

É brincar com palavras

Como se brinca

Com bola, papagaio, pião.



Só que

Bola, papagaio, pião

De tanto brincar

Se gastam.



As palavras não:

Quanto mais se brinca

Com elas

Mais novas ficam.



Como a água do rio

Que é sempre nova.

Como cada dia

Que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

Secretaria de
Educação



Experiência com o Livro: Temáticas

O que é literatura infantil – Ligia Cademartori (pág. 32 – 38)

- Ampliação de expectativas e referências que a criança já tem.
- Estímulo a novas leituras.
- Expressividade verbal e imagística seja predominante, que a linguagem seja adequada à capacidade cognitiva do leitor em formação e às suas competências vocabular e textual.
- Estímulo à atribuição de sentidos pela criança, deixando espaços, vazios, a serem livremente preenchidos pelo imaginário dela durante a leitura.
- Sonoridade das composições nas obras poéticas.

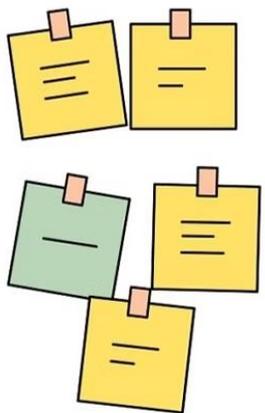
Fechamento

Atividade no padlet a resenha ou as orientações de um livro que você daria para a família realizar a leitura acompanhada.



Avaliação

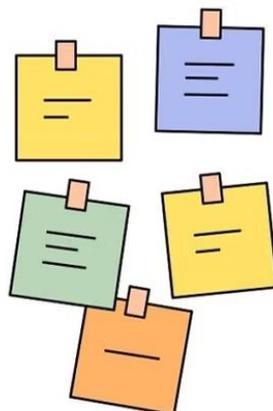
Quem bom



Que Pena



Que Tal?



Escrever no link o que realmente achou desse encontro

Secretaria de
Educação

